



I ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DO SINDICATO NACIONAL D@S SERVIDOR@S FEDERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SINASEFE


Elane Nardotto¹

“Pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista árdua e lenta” (BEAUVOIR, 1949, p. 158). Uma conquista fundamental e preliminar considerando que, para além da autonomia financeira, caminhamos para conquistar a autonomia pessoal e afetiva, o que implica uma luta para ser o quisermos ser. Nada fácil em um mundo no qual a liberdade/ individualidade do homem não é questionada. Atenta a isso desde criança, nas relações familiares e, posteriormente, nos espaços públicos e profissionais. Nessas tomadas de consciência de mim, eu, professora da Rede Federal desde 2011 e, naquele ano, ingressando, observando e, até mesmo, experimentando estratégias sutis de machismo, gordofobia, homofobia, racismo, entre outras formas de preconceito seja nos corredores, na sala de aula, na sala de professores e nos Conselhos de Classe do Campus, na cidade de Jequié. Cidade situada no Sudoeste da Bahia, carrega história marcada por cangaço, coronelismo, conservadorismo e a materialidade do “você sabe com quem está falando?”, ao passo que temos, nas trilhas históricas, Anésia Cauaçu, a primeira mulher a entrar no cangaço e que defendeu, além da sua família, as prostitutas da antiga Rua do Maracujá, no início do século XX. Nesse contexto, fui me construindo feminista e uma daquelas que sempre estava atenta e sensível às questões voltadas para o direito de ser e de construção individual de cada subjetividade. O meu campo empírico emergia para mim como um espaço de luta e, quem sabe, edificação para emergir diferentes vozes silenciadas, também, pelo preconceito. As contradições do cotidiano, da história, nos faz refletir que é possível tomar partido em tempos de Escola Sem Partido. Esse caminhar foi me rendendo eventos, projetos de extensão, encontros, leituras de obras escritas por mulheres, participação ativa em espaços públicos e textos publicados sobre a temática. Eis que me assumo feminista.

Naquele momento de abertura do Campus, um grupo de professor@s impulsionou uma movimentação para discutir questões relacionadas a nossa categoria profissional bem

¹ Professora do Ensino Médio do IFBA. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Este Trabalho destina-se à Categoria “Ativismo e Movimentos Sociais”. elanenardotto@yahoo.com.br






como sobre a precarização da expansão da Rede Federal já que o nosso Campus era fruto disso e, assim, realizamos as primeiras reuniões internas do SINASEFE com discussões mais amplas da luta de classes, sem uma atenção maior aos micro-embates como por exemplo, o machismo. Pelo menos nunca percebi, diretamente, como linha de debate nas nossas assembleias locais que, à sua vez, estavam alinhadas às assembleias estaduais. Mas, o debate sobre o lugar da mulher sempre esteve latente haja vista o I Encontro Nacional de Mulheres do SINASEFE com suas 17 teses publicadas traduz o sentimento das vozes femininas silenciadas e concretizadas nas diversas matrizes de violência na vida, nos espaços de ensino da Rede Federal, nas Reitorias e no próprio sindicato. Uma crítica iniciada por dentro, pois, “na prática, o Sindicato foi e ainda é para muitas de nós, um espaço hostil, pouco ou nada acolhedor. É um espaço onde lamentavelmente também vivenciamos situações de assédio moral e sexual; onde algumas vezes somos usadas para cumprir cotas, mas sem a efetiva garantia da participação das mulheres no espaço de poder” (TRECHO do Manifesto do 1º Encontro Nacional de Mulheres do SINASEFE).

Além do Manifesto, escrito coletivamente e aprovado na Plenária Final, o Encontro disponibilizou um Caderno contendo 17 Teses que se constituíram como diálogo preliminar para o que seria debatido, presencialmente, em Brasília. Tais teses fomentaram as vozes das 250 mulheres que estiveram presentes entre os dias 23 a 25 de março, em Brasília, no I Encontro Nacional de Mulheres do SINASEFE². Nessa perspectiva, no dia 23 de março, na abertura, ocorreu uma apresentação de um vídeo produzido em homenagem à Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro assassinada 9 dias antes deste evento, no dia 14 de março. No dia 24, a Mesa “Mulher, Raça e Classe: Mulheres Negras e Indígenas com os seguintes destaques: violência sexual para com a mulher indígena; militância das mulheres negras da periferia como forma de compreender a sua própria história; a ideia de que a mulher negra não existe para o Capitalismo humanitário. Não pude deixar de me remeter a uma passagem do livro “Mulheres, Raça e Classe” de Ângela Davis: “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero” (p.17). Durante a tarde, do mesmo dia, ocorreu um debate nos Grupos de Trabalho. Participei do Grupo de Trabalho “Mulheres LBT – Gênero, Sexualidade, Visibilidade e Representatividade”. No final do dia, uma Mesa com o mesmo tema do Grupo de Trabalho que participei com os seguintes destaques: 40% dos assassinatos

² Sobre o Evento, alguns dados foram retirados do *site* do SINASEFE.





de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registrados no mundo ocorrem no país; conquista da alteração do nome civil sem a necessidade da mudança sexual; Luma de Andrade, primeira travesti doutorada do país, foi aplaudida de pé ao mostrar a necessidade de “deseducar” a aceitação dos conceitos imputados pelo sistema.

Finalmente, no dia 25, a Mesa “Violências: do assédio ao feminicídio” com os seguintes destaques: estabelecimento de redes de apoio entre as mulheres levando em conta o compartilhamento de diversas experiências e desabafos sobre a violência – seja simbólica, seja física; socialização das iniciativas do Governo do Distrito Federal no âmbito das políticas para mulheres como o “Observatório Distrital de Gênero e o Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica”.

Na Plenária Final, ocorreu a leitura, revisão e aprovação do Manifesto do I Encontro Nacional de Mulheres, além da leitura das relatorias dos Grupo de Trabalho e dos encaminhamentos.

O que dizer, depois de tudo que foi vivenciado? Voltei para minhas atividades no Campus Jequié, Bahia, fortalecida com Eros que, para mim é uma força que intensifica nosso esforço e nossa energia e, no contexto da sala de aula, uma forma de revigorar o debate e estimular a imaginação crítica. Por isso, no momento, desenvolvendo com estudantes, o Projeto de Extensão “Diálogos com Ana Maria Machado: Ser-Construir-Mulher³ que objetiva divulgar e analisar em contextos de leitura individual e coletiva a escritura literária feminina de três obras de Ana Maria considerando a desterritorialização das representações de gênero como lugar de debate do Ser-Construir-Mulher. Torna-se relevante, sempre! resistirmos e, também insistirmos na discussão do tema em questão haja vista acreditarmos que o espaço escolar é o lugar de formação integral humana para compreendermos as construções e as relações sociais subjacentes aos fenômenos inerentes às pessoas. E mais, o lugar de desenvolvimento das capacidade de interpretar, analisar, criticar, refletir e aprender; no nosso caso, aprender que o respeito e a alteridade devem fazer parte da vida social e princípio básico dos Direitos Humanos, afinal, todas as pessoas nascem livres (ou deveriam) e iguais em dignidade e em direitos.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. 1. Círculo do Livro: São Paulo, 1949.

³ Projeto submetido ao Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), Edital PROEX/IFBA 02/2017 - FLUXO CONTÍNUO.



DAVIS, Davis. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

